

O AMIGO DO POVO.

PERIODICO POLITICO.

Publicar-se ha duas vezes por mez: distribue-se gratuitamente ás pessoas pobres que souberem lêr e quizerem recebê-lo na typographia onde é impresso. * Aceita-se assignaturas; ficando a arbitrio a importancia, que não excederá de 2,5000 reis por trimestre ou serie de 6 numeros.

A redacção só se responsabilisa pelos artigos de fundo.

Anno II.

Theresina 14 de Fevereiro de 1870.

Numero 32

O AMIGO DO POVO.

Theresina, 13 de Fevereiro de 1870.

O Exm. Sr. Dr. Luiz Antonio Vieira da Silva tem feito no Piahy uma bella administração, sábia mesmo; por outra, ha governado de modo diametralmente opposto áquelle pobre velho que só fazia o quanto lhe ordenava seu maléfico sobrinho Simplício,—o novo Erostrato que em falta de um magnifico templo lembrou-se de sacrificar mais de uma duzia de leis para que d'est'arte podesse adquirir imperecível fama!

O actual presidente desta provincia tem realmente sabido collocar-se em altura muito digna.

E' em vão que contra elle conspirão esses pigmeos, roídos de inveja; apodrecidos pelo fanatismo politico; tornados repulsivos pelas suas iniquidades sem conta...

Pela pequenez de nosso periodico e intermittença de sua publicação,—alem da extraordinaria demora motivada pela ausencia que ultimamente fizemos desta cidade; não nos é possível, já agora, apreciar um por um—todos os actos dignos de louvor praticados pelo Exm. Sr. Dr. Vieira da Silva.

Entretanto, acompanhamos o juizo recto e reflectido dos outros órgãos, mais importantes, do partido liberal desta provincia, que teem sabido apreciar devidamente o character franco, leal, verdadeiramente nobre do actual administrador.

S. Exc. se continuar, como cremos, a trilhar a senda da justiça,—certamente poderá sempre passar de frente erguida por entre os seus gratuitos inimigos—essa seita que acredita ser *dogma* a baixeza humana!

O Sr. Dr. Vieira da Silva, homem que sabe respeitoso aguardar os arestos da historia, e que confia resolute na inteireza da posteridade,—não pode de modo algum ser comprehendido pelos myopes do « Piahy »—e d'ahi é que provém a raiva que delle teem; mas, raiva impotente,—insânia digna de riso.....

Em 12 de dezembro do anno passado publicou-se o memoravel numero 62 (do 3.º anno) do « Ypiranga » órgão do partido liberal de São Paulo.

Com esse numero, acabou a sua existencia gloriosa—um dos mais esforçados campeões da imprensa

livre; um dos jornaes mais bem escriptos deste paiz que, infelizmente, ha 48 annos, tem soffrido o insulto atroz de chamarem-n'o « imperio! »

Achavamo-nos fóra desta cidade, no lugar BOA ESPERANÇA, cerca de 2 kilometros acima da villa da União, quando, a 30 de janeiro ultimo, tivemos de ler os bellos artigos de despedida dos illustrados redactores do « Ypiranga. »

Quando vimos SALVADOR DE MENDONÇA declarar-se REPUBLICANO, foi tal a commoção que sentimos que, digamol-o sem reticencias, digamol-o com franqueza,—chegamos a chorar de prazer!

E quando elle fallou no filho.... Mas, para que tentar, em vão, descrever essa extraordinaria sensação que experimentamos,—pela primeira vez em nossa vida, que aliás já tem acumulado um terço de seculo!

Eis aqui como concluiu, aquelle valente e inspirado paladino,—a sua terna e eloquentissima despedida ao *presente*; na hora em que alistava-se CRUZADO athletico do FUTURO DO BRAZIL; quando punhasse a caminho, na direcção do VERDADEIRO PROGRESSO DO PAIZ, com o nobre entusiasmo d'um desses heróes da « Jerusalem libertada. »

Admiremos ao fervoroso peregrino da liberdade; ouçamos com profundo respeito a SALVADOR DE MENDONÇA:

Estreando na imprensa desta provincia em 1860, na *Legenda*, com Theophilo Ottoni filho, Pedro Luiz, Figueiredo Carvalho, Belfort Duarte e outros, puz a arma ao hombro, convicto e confiante, e tomei logar nas fileiras do partido liberal.

Mais tarde, em 1864, fiz na Côte parte dessa *Actualidade*, da qual se pôde dizer como da velha guarda, que morreu, mas não se rendeu, e a esse tempo a *Actualidade* batia a liga e o progressismo nascente.

Tomada uma vez a tunica do centauro, dadiwa desta moderna Dejanira—a imprensa, que sorri a todos os moços de creanças ardentes, identifica-se por tal fórma este amor do jornal com a propria existencia do homem, que elle, luctando embalde por fugir ao seu jugo, procura a luz afinal, para nella abraçar-se fatal, irremissivelmente.

Foi assim que nestas columnas, melhor dissera nesta pyra accesa, dediquei dia por dia toda minha actividade e esforço a uma causa sagrada para mim, a causa do partido liberal opprimido, trucidado, vilipendiado.

Hoje, porém, sinto-me mudado.

Veio com os annos a reflexão, com o versar continuo da historia abriu-se-me um campo mais vasto de observação, e ao despedir-me da primeira phase da minha mocidade, vejo-me constrangido na arena em que empenhei a lucta.

Ai do homem que, deante da velocidade crescente que adquire a marcha do absolutismo no Brazil, fica estacionario!

Esse, ou nunca presou sinceramente sua patria, ou mente á sua consciencia.

E' precisamente á minha consciencia que eu não quero mentir.

Deixar-me ficar como redactor do organ de um partido cujas aspirações se acham enclausuradas nos limites da constituição de 1824, doada pelo rei em beneficio do rei, fôra faltar ou a lealdade para com amigos e correligionarios cujas inspirações teria de ampliar ao grado das minhas idéas que não são as suas, ou aos reclamos da minha consciencia que seria a primeira a bradar toda vez que eu sacrificasse ás conveniencias de partido as minhas convicções.

Um e outro papei me é repugnante.

Cansado da lucta esteril dos partidos constitucionaes, cujas apparentes victorias são verdadeiras derrotas de principios e caracteres; farto das filigranas do intitulado regimen monarchico representativo; si algum dia levantar em alguma parte a minha humilissima tenda de combate, será nos arraiaes da republica.

Tenho desprezo bastante para todas as corrupções, e sei esperar, porque nada quero das podres honrarias de um poder tão corruptor quão corrompido, que avassalla torpemente uma nação fadada aos mais altos destinos.

Si meus olhos não puderem vêr o triumpho completo da democracia nesta parte da America, não terei perdido o meu tempo, porque trabalho para reviver em meu filho, a quem educo no odio ao despotismo, com aquella entranhada sollicitude com que o carthaginez fazia o filho jurar o exterminio dos inimigos de sua patria.

Devo no entanto dizê-lo. Si das immercidas e constantes distincções que tenho recebido dos dignos chefes e membros do partido liberal paulista, alguma ficou em meu coração gravada indelevelmente foi essa liberdade ampla e perfeita, essa excepção completa, com que discuti sempre, sem peias nem restricções.

Isto me faz conceber a esperanza de que o discipulo ha de ver dentro em breve a seu lado, a acoroçoarem-no no arroteamento do terreno difficil mas uberrimo, a que os egoistas chamam campo das utopias, todos os seus mestres e amigos. Todos, porque alguns delles já tomaram os instrumentos do trabalho sancto e teem nos labios inspirados o hymno do futuro.

O meu dever de lealdade resume-se portanto em não querer por mim quebrar a homogeneidade que se suppõe dar força ao grande partido liberal de S. Paulo.

A corporação typographica do *Ypiranga* devo um agradecimento profundo pela dedicação sem limites com que me secundou poderosamente, com uma abnegação sem exemplo. Estes meus companheiros de trabalho sabem que constituiram para mim uma nova familia, a que me unem os laços indissoluveis da gratidão e da amizade.

Recolho-me ao silencio da minha obscuridade. Vou cheio de recordações desta provincia generosa, onde por sobre a agitação da sua vida industrial, crescente, magnifica, dir-se-hia que pairam os vultos dos grandes patriotas da independencia e da regencia; desta porção abençoada do solo nacional, que iniciando o magno empenho da diffusão da instrucção por meio das escholas gratuitas, nascidas do só esforço de seus filhos, tenho que será também a primeira a recolher os fructos da regeneração.

Sim, esta aura de vitalidade que percorre a face desta terra eleita, espalhará o germen fecundo da federação brasileira.

Retalhem o vosso solo as estradas de ferro, canalizem-se os vossos rios, peje os vossos portos o vosso café e algodão, ao norte reavivente-se a lavoura com a torrente de immigração mineira, ao sul faça a immigração norte-americana surgir um Estado no vosso precioso valle da Ribeira, e vós, nobre terra de S. Paulo, que já sois como a Cornelia romana, a mãe dos Gracchos, que tinha em seus filhos seus melhores, seus unicos adornos, sereis como a Ceres antiga o symbolo da fecunda maternidade, a *alma parens* da nacionalidade nova, a provincia, o Estado da vanguarda.

De vós me veio a inspiração e o sonho da patria livre e grande.

Foi no vosso solo que ouvi extranhos rumores e senti agitar-se em vossas entranhas, apoz a gestação dos tempos, a republica nascente, e com ella as liberdades todas e a negação de todas as oppressões: a eschola livre, a egreja livre, a imprensa no meio da luz, tão sublime quão necessaria apothese, todos os vossos filhos em torno do oraculo nacional, a urna.

A vós, pois, a minha mais sincera saudação.

—Agora, leitores, vamos aventurar algumas palavras que bem nos poderão dar o triumpho, —pela reanimação na pugna.

Lembre-mos de Platêa e de Mycale!

Será possível que venção no mesmo dia Pausanias e Leotychides?

O entusiasmo também faz prodigios; porque elle é nada menos que a fé, e esta, ainda que não seja maior que um grão de mostarda, na phrase do Divino Mestre, é capaz de fazer com que as arvores e os montes se mudem de seu lugar!

Pode haver prophetas, accidentalmente; como os houve por vocação ou graça do Deos d'Israel?

Cremos que sim.

Apreciemos, pois, esta coincidência, —e fortaleçamos a nossa fé politica.

Quando em 12 de dezembro de 1869, na cidade de São Paulo, SALVADOR DE MENDONÇA fallava em «federação brasileira» por um presentimento singular; no mesmo dia, na cidade de Diamantina, o periodico «Jequitinhonha» sahia á luz trazendo o seguinte interessante topico d'um precioso escripto original, que ha mais de anno que illústra as paginas do symphico e denodado orgão REPUBLICANO de Minas-Geraes.

Ouçamos o que diz uma das mais esplendidas paginas da «Historia do Brasil no anno dois mil»:

Erão 11 horas, 14 minutos e 23 segundos da noite. Reinava profundo silencio no palacio de S. Christovão, tudo dormia; só velava S. M. o imperador. Recostado junto a uma meza, S. M. devorava attento as portentosas aventuras de D. Quichote de la Mancha, edição de luxo em dois volumes in folio, com nitidas estampas, obra sublime, profunda, de ancha philosophia kantiana, cuja leitura é só dada aos grandes monarchas.

Depois S. M. fechou o livro, levou a mão á fronte augusta, e entregou-se á meditação, aos caprichos de sua imaginação ardente, poetica. Só os grandes genios gozão da faculdade de desprenderem-se das coisas terrestres e pairarem nas regiões ethereas do ideal....

Que turbilhão de pensamentos affluia ao espirito do magnanimo monarcha! Aquella vasta cabeça era como um vulcão, onde revolvião-se idéas, concepções, projectos grandiosos. Perpassarão-lhe na mente as glorias do seu reinado, as corôas de poeta com que as musas e ingirão-lhe a fronte altiva, o renome de litterato, de protector das artes (.) e das sciencias, os louros de invicto guerreiro colhidos nos campos da victoria, os applausos das gerações vindouras, admirando extaticas o genio do illustrado principe, que elevara o Brasil á primeira potencia da America, foco de civilisação, que irradiava suas luzes para illuminar o universo.

—Sim, serei D. Pedro o Grande, dizia mentalmente S. M. serei D. Pedro o Grande!... Meu nome passará á posteridade cingido de uma aureola resplendente de glorias, glorias litterarias, glorias poeticas, glorias scientificas, glorias marciaes! Oh! fosse dado á um principe ler no futuro a historia do seu reinado!.....

S. M. interrompeu-se. Através das sombras de seus pensamentos enxergou a figura pallida de um homem. Não era uma illusão. Este avançou, curvou-se, e beijou a mão imperial.

—Quem és? Donde vieste? O que queres? Perguntou o imperador.

—O Dr. Tsherepanoff, humilissimo servo de V. M. I., natural da Russia; venho da França, percorri hoje nove mil seiscentas e quarenta e cinco legoas.....

—Um louco!.....

—Não, Senhor, não sou um louco. Sou um *medi um*; communico-me directamente com os espiritos. Estive hoje em Pekim, onde curei o celestial soberano de uma congestão proveniente de excesso de opio; salvei em Constantinopla o sultão, ameaçado por uma conspiração dos eunuchos; em S. Petersburgo, á pedido do Czar, evoquei dos infernos os aianes polutos de Catharina II, com todo o cortejo de seus antepassados; em Roma, em uma sessão de spiritismo, fiz apparecer a figura macilenta da envenenadora Lucrecia Borgia: eu

(.) No original está *actrices*; cremos que é erro typographico, e por isso corrigimos. (Nota da redacção do «Jequitinhonha».)

Londres, consolei a rainha Victoria, mostrando-lhe o seu querido Alberto: em Paris deixei Napoleão III conversando com Cesar, que exigia certas correções na historia que aquelle monarcha escrevera de sua vida: em quanto Napoleão toma apontamentos, aproveitei o ensejo para acudir ao chamado de V. M.

—Eu te chamei!
—Sou um *medium*, Senhor, mando aos espiritos, que obedecem-me.

—Não creio nos espiritos.
Ouvem-se ao longe vozes harmoniosas, que cantão:

Du but lointain, de long voyage á faire,
Il n'en est pas;
Nous franchissons l'un et l'autre hémisphère
En quatre pas;
Ciel sans limite, Océan sans falaise,
Desert uni,
Le seul espace où nous soyons á l'aise,
C'est l'infini.

—O que significa isto? diz o imperador aterrado.

—E' o côro dos espiritos da França, respondeu o *medium*, que acabão de transpor-me através do Atlantico, e que se retirão cantando.

—E's um *medium*?

—Tenho esse privilegio, imperial Senhor. Em Paris ouvi os pensamentos de V. M. e presuroso....

—Ouviste os meus pensamentos!

—V. M. desejava assistir o futuro do Brasil, ler na posteridade a historia de seu reinado.

—Pensava isso. E crês possível....

—Aos espiritos nada é impossível. Lemos no futuro, como no presente e no passado. Para nós não ha arcanos inexplicaveis. Da campa evocamos os mortos para decifrarem-nos os mysterios de alem-tumulo.

—Serás capaz de ler-me as paginas douradas do meu reinado, as benções das gerações vindouras, agradecidas erguendo-me altares....

—Ainda não sei dizer a V. M. que juizo a posteridade fará de seu reinado; só o conheceremos quando transpuzermos os umbraes do futuro.

—E' possível?....

—Se for da vontade de V. M.

O imperador permaneceu silencioso por alguns momentos, como hesitando. Depois respondeu resolutivo, usando de suas proverbias expressões.

—Quero e já.

O *medium* estendeu as mãos sobre a fronte de S. M.:—Que-ro, ordeno e mando que durmas, disse.

O imperador cerrou as palpebras e dormiu.

Já ia o sol alto no horisonte quando D. Pedro acordou. Ergueu-se na cama. O leito, o quarto, os moveis apresentavam o mesmo luxo e riquezas, mas não era o aposento imperial do palacio de S. Christovão. Levantou-se, e abriu uma janella: dava para um jardim, os passaros chilravão nos arvo-redos, as flores embalsamavão os ares com seus perfumes. Abriu outra janella: dava para a praça de uma cidade. Dois rios caudaes, confluindo no centro, dividião a cidade em tres partes; suas aguas rolavão placidas, sulcadas em todos os sentidos por milhares de barcos á vapor. Soberbos edificios, templos magestosos, caes, docas, vastas alfandegas, espaçosas officinas, possantes machinas, largas praças, sombreadas de arvo-redos, e sobretudo o extraordinario movimento commercial, indicavão uma cidade rica, florescente. Mas não era o Rio de Janeiro. Atroavão os ares o sibilo das locomotivas, o ruido das fabricas, as vozes dos mercadores, os gritos dos animaes, o barulho dos carros: era como a harmonia do trabalho, o *ferret opus* das grandes cidades laboriosas. As ruas, as praças, se apinhavão de transeuntes, de trabalhadores, de mercadores que se empuxavão, se esbarravão, se acotovelavão. Ao longe nos trilhos de ferro, apparecião e desaparecião as locomotivas, como os dragões da fabula vomitando espesso fumo.

Mas não era o Rio de Janeiro. O imperador admirado fluctuava em um mar de conjecturas: será Londres, New-York, Paris, Lião, Manchester.....?

Tomou uma campainha e fez signal. Entrou um criado.

Quem és? onde estou? perguntou S. M.

Já estás de pé, cidadão, disse o criado. Dormiste bastante. O homem, que te trouxe aqui, recommendou-me que o chamasse quando tu te acordasses. E sahio.

Poucos instantes depois entrou o Dr. Tsherepanoff.

—V. M. dá licença? disse, curvando-se até ao chão com uma profunda cortezia.

—Ainda és tu, doutor, o *medium*, o spiritista de hontem?

—De hontem não, imperial Senhor. Sou o humillissimo servo, que haverá cento e trinta annos teve a distincta honra de conversar com V. M. no palacio de S. Christovão.

—O que estás me contando ahi? Não estiveste hontem comigo?

—Assim parece, magnanimo Senhor. Mas não dignou-se V. M. communicar-me a sua vontade de assistir o futuro do Brasil? E' hoje exactamente o primeiro de Janeiro do anno de 2000, o primeiro dia do seculo XXI.

—Explica-me: isto é um sonho, uma illusão? Porventura allucinaste-me com teus filtros? Onde estamos, que cidade é esta?

—E' a pura realidade, excelso monarcha. Não sou prestidigitador, sou um *medium*. estamos na cidade de Guaicuhy.

—Na cidade de Guaicuhy? Ainda não a vi nos mappas.

—Está situada na confluencia de dois grandes rios, o Rio das Velhas e o S. Francisco. São aquelles que V. M. vê ali correrem. Em outros tempos foi uma villa pobre e insignificante; hoje é a capital da confederação.

—De que confederação?

—Da confederação dos Estados-Unidos do Brasil.

—Da confederação dos Estados-Unidos do Brazil? Não sei se ouvi bem.

—Ouviu bem, imperial Senhor. Hoje o Brazil forma uma confederação.....

—Hoje quando?

—Hoje, no anno de 2000, o Brazil forma uma confederação de cento e vinte e dois estados, regidos todos por constituições republicanas. Guaicuhy, que tem a distincta honra da presença de V. M., foi escolhida para capital federal por se achar situada no centro. Os ingratos brasileiros tiveram a ousadia de um dia sublevarem-se e dispensarem a dynastia de V. M., adoptando a forma de governo republicano....

—Dispensarão a minha dynastia!

—Forão uns ingratos, Senhor. Rejeitarem o paternal governo do seu adorado monarcha!... A ingratidão é a partilha dos homens!

—E o que é feito da minha descendencia?

—Os imperiaes descendentes de V. M. retirárão-se para a Italia, e hoje formão uma familia honrada de honestos e laboriosos agricultores. No anno de 1987 comprárão um terreno nas fraldas do Vesuvio, onde cultivão com proveito a excelente vinha, de que fabricão o afamado *lacrimæ Christi*. Vivem na abundancia, e são geralmente estimados no paiz.

—Estás zombando doutor? disse D. Pedro encolerizado.

—Peço humildemente perdão por ver-me forçado a dizer a verdade. V. M. esqueceu-se de que estamos no seculo XXI assistindo o futuro do Brazil.

—De forma que até eu já não existo!

—Os homens não são immortaes.... V. M. já não existe.... Depois da queda da monarchia no Brasil, V. M. retirou-se com a familia imperial para a Sicilia, onde comprou uma linda e amena quinta nos arrebaides de Syracusa. Ali em voluntario isolamento entregou-se com toda a liberdade ao cultivo das musas: fundou um celebre estabelecimento, destinado á criação de perús, que prosperou por largo tempo; finalmente terminou seus dias, já cheio de annos, em 1915, rodeado de numerosa descendencia. Encerra os restos mortaes de V. M. um modesto tumulo....

—Um modesto tumulo!....

—E sobre a lapida lê-se gravada uma simples inscripção:—AQUI JAZ D. PEDRO II, EX-IMPERADOR DO BRASIL. VIADOR, PASSA ALEM, E RESPEITA O INFORTUNIO.—Foi depois da morte de V. M. que os seus descendentes se retirárão para a Italia, como já tive a honra de contar.

—De forma que eu, que estou te fallando, já morri; sou um phantasma. Sabes que isso é um gracejo de mau gosto.

—Não é gracejo, imperial Senhor. Para prova poderemos dar um passeio á Syracusa; iremos em um momento. V. M. verá seu tumulo e apalpará seus ossos com suas proprias mãos.

A pedido.

Mundo grande, 27 de dezembro de 1869.

Novo meio de soldar quebradeira. Acha-se o mercado de Oeiras inundado de umas tirinhas impressas de papel com honras de dinheiro, espathadas pelo Sr. Ludgero de Moraes Rego, que estando quebrado e indo ao Maranhão teve a triste lembrança de as trazer como um meio de soldar-se, e o que é

peior é querer elle obrigar a que se recebam taes tiras, tendo tido a animosidade de declarar que tal intitulado dinheiro vale mais do que o proprio dinheiro do governo! As tiras resão assim: Bazar Commercial—200 reis—Oeiras; e tem assignatura d'elle: são em meio quarto de papel, e de pessimo papel, muito fino, que em poucos dias está no todo estragado.

Para tal inundação pretexta o Sr. Ludgero Rego a falta de cobre (o que já não ha) mas em lugar de tal lembrança seria melhor, que elle tivesse tido a de trazer as moedas novas, como outros negociantes fizeram de as mandar buscar, sem se lembrarem de tão triste expediente, só proprio dos quebrados. Se ao menos quando se lhe apresentassem as taes tiras, elle batesse os cobres, ainda bem; mas assim não acontece—o homem fica furiôzo, e se se insiste na exigencia de dinheiro elle sahe-se da difficuldade empingindo rapaduras pelos preços que bem lhe parece. Chama-se á attenção de quem for competente para a extincção desse abuzo intoleravel.

Vai uma das taes tiras para ser presente a quem quizer vel-a. (*)

O matuto.

Parte Noticiosa.

Eschola nocturna.—Quando em 10 de janeiro ultimo fomos á villa da União, deixamos a eschola nocturna desta cidade, mantida pelos dignos redactores da « Imprensa »—apenas frequentada por 3 ou 4 alumnos de menor idade; quando voltamos, no principio do corrente mez, encontramos 33 alumnos na referida eschola, inclusive homens de 20, 30 e ate 43 annos de idade,—funcionando com brilhantismo mesmo!

Milagres desse apostolo infatigavel que se chama Deolindo M. da Silva Moura!

Que! dissemos nós, como é que em tão pouco tempo chegou ao Piahy essa « aura de vitalidade » de que nos falla o propheta do YPIRANGA?

Que! dissemos nós ainda, esta antiga chapada do Corisco, chamada hoje Theresina (que nome feio!) estará por ventura destinada a ser um dia—superior a essa miraculosa *Chillicotte* de que trata o illustre Dr. A. F. de Paula e Sousa n'uma interessante carta datada dos Estados Unidos em 20 de setembro do anno passado?

Depois disso scismamos, e por muito tempo, como se foramos um poeta, ou um *visionario* na phrase dos homens que tem juizo da força mechanica de 40 cavallos.

Em que nos engolfamos então?

Vimos o *Ypiranga* morrer involto no ouro e púrpura; vimos a monarchia desaparecer ao repercutir ao longe, por todos os angulos do Brasil,—o grito do JEQUITINHONHA!

Em 2 de fevereiro de 1870—transportamo-nos, mentalmente ao anno *dois mil*, . . . demos um passeio phantastico até Guaicuhy . . . e por fim descobrimos mais uma **coincidencia**.

Um deserto que ha 19 annos se chamava Corisco encontrou-se um dia com SARAIVA: estes dois *phenomenos* derão-se as mãos, e uma cidade surgio como por encanto. Este terceiro phenomeno foi calumniado a principio, dando-se-lhe um nome mesqui-

(*) Temos com effeito um desses bilhetes do banco da perna quebrada: mostral-o-hemos a quem queira admirar essa invenção ludgerina.

(Nota da Redacção.)

nho,—e aliás *Theresina* era o germen de uma futura Chicago! . . . Mas, não se passará talvez um seculo que esta filha do *Corisco* e de *Saraiva* não seja o centro de uma rede de fios q' fallem com a *Electricidade*,—essa maxima utopia chamada hoje telegraphia.

Le monde marche, como diz um celebre democrata francez: confiemos pois no futuro.

Agradecimento.—Cordealmente agradecemos aos *collegas* do « Piahy » a honra que nos derão em seu ultimo numero; transcrevendo artigos e fragmentos do nosso humilde periodico. O artigo publicado em o nosso numero 9, sob a epigraphe *Dois ladrões*, agradou tanto aos illustres collegas que já é a 2.^a vez que o transcrevem Quanta bondade!

O Sr. Dr. Joaquim Newton bem nos disse uma vez que era tambem *republicano*: só nos separa o diabo do *Urso*! Maldita politica pessoal!

Deixemos o passado carunchoso, e atiremo-nos francamente na senda do futuro; visando ás idéas tam somente

Cresce o numero dos republicanos: consta-nos que o Sr. Joaquim Clementino é egualmente um d'aquelles q' só esperão ver hasteada por um partido a bandeira da democracia pura, para romper abertamente com as velhas idéas de conservantismo.

A' cada um dos dois moços republicanos que estão *filiados*, por ora, ao partido conservador,—como nós o estamos ao partido liberal,—cumpre-nos dizer com Casimiro de Abreu:

« Como o indio a saudar o sol nascente,
« Co'o sorriso nos labios franco e lèdo
« Aperto a tua mão: »

« Não desmintas, irmão, este propheta,
« Sybarita indolente, sobre rosas
« Não queiras tu dormir,
« Se ao longe ja te brilha amiga estrella
« Aproveita o talento—estuda e pensa—
« E' bello o teu porvir! »

Cidadão surrado—Damos aqui a lista nominal dos jornaes que, fora desta provincia, tem reproduzido a noticia d'aquelle horrivel facto committido pelo feroz Horacio Ribeiro Soares: ei-la:

America do Sul, n.º 39.

Assuense, n.º 123.

Cearense, numero 251 (em artigo de fundo)

Correio Noticioso n. 256.

Independente, n.º 24.

Jequitinhonha n. 7 de 12 de dezembro.

Jornal da Fortaleza, n.º 215 (em art. de fundo)

Liberal, do Maranhão, n.º 38

Liberal do Norte. n. 65.

Liberal do Pará, n.º 158.

Opinião Nacional, n.ºs 112 e 115.

Radical Paulistano n. 27.

Reforma, do Rio, n.º 167.

Reforma, de Manaós, n.º 57.

The Brazilian World, n.º 25.

Tribuno, n.º 30 (em art. de fundo) e n.º 32.

Voz da Religião no Cariri n. 46.

Ypiranga n. 56 de 26 de novembro.